



As Três Marias à saída do Tribunal da Boa Hora, que as absolveu. Da esquerda para a direita: Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta, e Maria Isabel Barreno. Recorte de imprensa: *Manchete* N153, 25 de maio de 1974.

Já não há Marias

Mas os direitos das
Mulheres continuam
por cumprir

ISABEL NERY
Jornalista e investigadora

Cada uma delas foi uma Maria única. Uma mais poeta, outra mais ensaísta e ainda outra mais romancista. Mas fizeram-se três em um ao unirem-se pelos direitos das mulheres ainda durante a ditadura. Com isso, tornaram-se uma entidade própria com direito a lugar na história de Portugal. Podemos desfiar percursos literários, prémios, cargos político-cultural, censuras, processos judiciais – e até agressões físicas. Mas nenhuma palavra ou narração fará tanto para descrever e compreender o que foram – e continuam a ser – as três Marias como a palavra “desejo”.

DESEJO

Foi por causa dele, e do medo dele nascido, que começaram a escrever. Foi por causa dele que um regime político ditatorial, mesmo já a camuflar-se de “aberto”, com o período Marcelista, as humilhou, inquiridas pelos mesmos inspetores que mandavam prender as prostitutas. Censurou, proibindo o livro *Novas Cartas Portuguesas*. E roubou liberdades, impedindo-as de sair do país enquanto correu o processo judicial contra o que tinham escrito. Durou dois anos. Terminou com a absolvição das autoras, um mês depois do 25 de Abril de 1974.

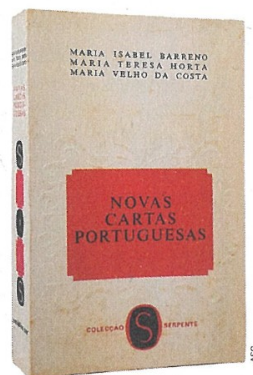
Mas enquanto durou, transformou-se num daqueles casos que serve melhor os defensores da liberdade do que os carrascos, ao provocar uma onda internacional de apoio às autoras portuguesas, especialmente depois de Simone de Beauvoir ter lido a obra e incentivado marchas de protesto pelo mundo fora.

Maria Teresa Horta (1937-2025), Maria Velho da Costa (1938-2020) e Maria Isabel Barreno (1939-2016) tinham-se entregado a uma tarefa aparentemente simples do ponto de vista literário: recriar as cartas de Mariana Alcoforado, freira de Beja que, no século XVIII, teve a ousadia de falar do desejo feminino.

Fizeram-no já depois da apreensão da obra revelação de Maria Teresa Horta, *Minha Senhora de Mim* (1971). Mas a motivação maior nasce quando Maria Teresa Horta, a caminho do jornal *A Capital*, onde dirigia o suplemento cultural, é atacada em plena rua. Com assinatura: “Isto é para aprenderes a não fazeres aquilo que fazes.”



Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, as três Marias em 1974.



Primeira edição de *Novas Cartas Portuguesas*, 1972.

No banco dos réus, as três Marias esperam a sentença. Da esquerda para a direita: Maria Teresa Horta, Maria de Fátima Velho da Costa e Maria Isabel Barreno.



Recorte de imprensa: *Manchete* N153, 25 de maio de 1974.

Em vez de medo, o atacante despertou a criatividade – e a resistência – das três mulheres. Fazem-se aí equipa: Fátima, como Maria Velho da Costa era tratada pelas amigas, sugere que escrevessem um livro sobre isso; Maria Isabel Barreno aparece com o primeiro texto na semana seguinte, até hoje o único de que se conhece a autoria, já que sobre todo o resto do livro nunca quiseram fazer essa revelação. O trio eterniza-se logo ao nascer, porque, como disse à agência *Lusa* Maria Teresa Horta, “uma pessoa quando escreve com alguém é para sempre”.

Maria Isabel Barreno virá a notabilizar-se como ensaísta, uma “desconstrutivista”, nas palavras do crítico literário Miguel Real, sendo *A Morte da Mãe* e *O Senhor das Ilhas*, duas das suas obras de referência. Maria Velho da Costa, Prémio Camões em 2002, revolucionadora da ficção portuguesa, autora de *Casas Pardas*. Maria Teresa Horta, a última das Marias, a mais lutadora e envolvida politicamente, morre em 2025, deixando um legado literário e poético difícil de listar. Dele se destacam publicações como *Minha Senhora de Mim* e *Poemas para Leonor*. Como sobre ela escreveu a biógrafa Patrícia Reis, em *A Desobediente* (2024): “A mulher será central na escrita de Teresa e o corpo, o prazer, o sexo, entendidos com o mesmo sentido de paridade que reclama para o resto das coisas à sua volta”.

As reuniões para discutirem a obra, nos idos de 1971, foram apenas o início, mas já continham tudo: a resistência ao homem agressor; a solidariedade feminina, que a polícia tentará, sem sucesso, quebrar, incentivando a denúncia da autoria dos textos nos interrogatórios individuais; a coragem de falar do amor carnal, e, com ele, do corpo da mulher como território com direito à autodeterminação.

**NENHUMA PALAVRA FARÁ TANTO PARA
DESCREVER E COMPREENDER O QUE
FORAM – E CONTINUAM A SER – AS TRÊS
MARIAS COMO A PALAVRA “DESEJO”**



LA PROCESSION DU M.L.F. DEVANT NOTRE-DAME

LES TROIS MARIA

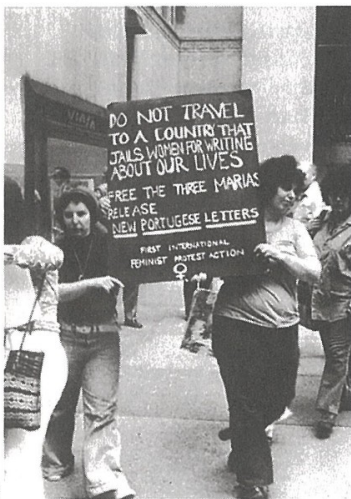
« Malheur à qui condamnera les trois Maria
Jours de colère et jours-là
Vous verrez de partout sortir des femmes
Pour les trois Maria. »

Chanté sur l'air de « Dies Irae » par trois cents femmes
vêtues de noir portant flambeaux, effigies et pancartes,
celle ne manquant pas d'allure. C'était, mercredi dernier,
à la nuit tombante, sur le parvis de Notre-Dame, la manifes-
tation organisée par le M.L.F. pour protester contre le
procès intenté à trois jeunes Portugaises — Maria Velho
da Costa, Maria Isabel Barreno et Maria Teresa Horta —
dont le livre, écrit en commun, « les Nouvelles Lettres
portugaises », a été jugé « pornographique » par les
censeurs de Caetano.

Les « trois Maria » devaient passer en jugement le
31 janvier. Elles risquent de six mois à deux ans de prison.

Notícia da Procissão do MLF diante da
catedral de Notre-Dame em Paris.

Simone de Beauvoir organizou e
encabeçou, em janeiro de 1974, uma
espécie de “procissão das velas” ao
crepúsculo, numa alusão a Fátima, em
apoio das três Marias portuguesas.



Manifestação em solidariedade
com as “Três Marias” em Nova Iorque.
Imagem publicada na revista
Flama de 17 de maio de 1975.

Durante os 9 meses de gestação da obra, as três feministas vão encontrar-se uma vez por semana para escrever *Novas Cartas Portuguesas*. O resultado material é o que já conhecemos: mais de 300 páginas de textos sobre a violência, a opressão, o preconceito e a falta de liberdade das mulheres.

Uma obra que nasce da consciência do feminino num Portugal carunchoso de ditadura: “Só que Beja ou Lisboa, de cal ou de calçada – há sempre uma clausura pronta a quem levanta a grimpá contra os usos – freira não copula/mulher parida e laureada/ escreve mas não pula (e muito menos se o fizer a três) com a literatura (...)”.

Atávico de costumes: “Possível será ser-se mulher sem se ser fruto?”.

Machista de profissão: “Era perversa (...) Indiferente, Mariana sente que ele sai de dentro de si, sujando-a de esperma também por fora. Depois vê-o que se vai embora sem a olhar, todo o tempo mudo, mesmo enquanto a forçara (...) Não podemos continuar a viver todos na mesma casa (...) Foste a culpada de tudo, eu sou homem e tu és provocante, perversa (...) Não te quero ver mais (...) Sabias como me punhas. Eu sou homem minha puta”, brada o pai. “Grande cabra”, acrescenta a mãe.

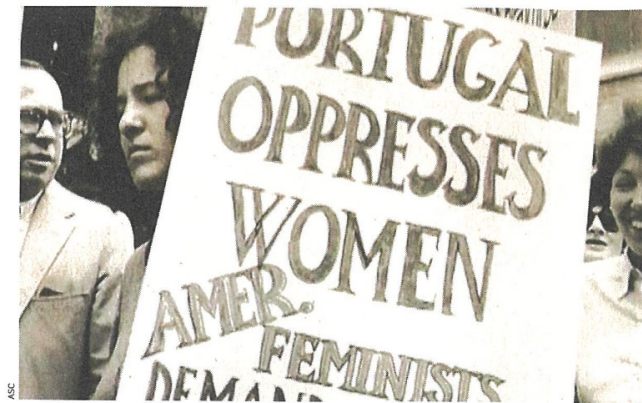
Violento (para elas), sem castigo (para eles): “Bate-me até se fartar e eu ficar estendida.”

Tudo palavras impressas na obra-escândalo.

Feita medo pelo que dizia. “Que estreita faixa nos separa de Mariana, irmãs... pois honra de homem-marido se situa ainda em seu pénis e nossa vagina à qual eles têm direito de dono e sobre mulher direito de morte a fim de vingar macho-enganado por adultério, que, se possível, se lapida, se assassina, se elimina em plena justiça, com a concordância, a aprovação, de toda a sociedade conivente.”

E pelo que questionava: “Pergunto: não teria chegado a altura de contarmos, por exemplo, o que sabemos acerca da verdade do nosso prazer na cama, denunciado o jogo do homem ao tornar mito o orgasmo vaginal, acusando de frígidas as mulheres que se queixam de não irem até ao espasmo através do simples coito?”

Estávamos perto de 1972, ano de publicação do livro *Novas Cartas Portuguesas*, e muitos em Portugal se rebelavam já pela autodeterminação dos povos, mas poucos incluíam os direitos das mulheres



Manifestação em solidariedade com as “Três Marias”.
Reprodução de imagem da RTP.

nessas reivindicações. Não admira, por isso, que o livro tenha ganho o estatuto de tratado de direitos das mulheres. Ao noticiar o fim das acusações judiciais contra as três escritoras, a 8 de maio de 1974, o *Diário Popular* escreve: “Abre-se o processo do feminismo em Portugal”.

Talvez até se tenha aberto. Mas, 54 anos depois, está ainda muito longe de fechado.

Se a escrita das Marias foi escândalo há mais de meio século, o que deveríamos chamar a novas tendências das redes sociais, como a *Manosfera*, a cultura digital misógina regalada com a profusão de jovens que idealizam relações amorosas sem mulheres livres. Como o imberbe de 12 anos que responde assim à pergunta do jornal *Público* de 28 de junho de 2025:

- Se a tua namorada conversar com outros rapazes, o que achas disso?
- Arranco-lhe o cabelo.

Enquanto o desejo das mulheres for objeto de preconceito e pretexto de violência, o feminismo está por cumprir.

No século XX, e em ditadura, foram precisas 3 Marias para fazer a diferença na vida das mulheres portuguesas. No século XXI, com um regime democrático que já leva mais de meio século, de quantas Marias vamos ainda precisar? ■



Algumas das múltiplas edições em língua estrangeira das *Novas Cartas Portuguesas*.